

# Jornal de Notícias

## Um ano após a reeleição, Obama em risco de perder confiança interna e dos aliados

A poucos dias do primeiro aniversário do segundo mandato, Barack Obama enfrenta uma crise de confiança, tanto junto dos aliados internacionais devido ao polémico esquema de espionagem norte-americano, como a nível interno, com alguns reveses políticos.

A 6 de novembro de 2012, o reeleito Obama anunciava aos norte-americanos, no discurso de vitória, que acreditava que para os Estados Unidos (EUA) "o melhor ainda estava para vir", sublinhando na mesma ocasião que nunca tinha estado "tão esperançoso".

Doze meses depois, o governante admite que o ano "foi difícil", numa referência ao braço de ferro entre republicanos e democratas para alcançar um acordo orçamental no Congresso norte-americano.

O confronto entre as duas facções, em muito motivado pela reforma do sistema de saúde patrocinada pelo líder norte-americano ('Obamacare'), culminou no início de outubro numa paralisação parcial do Estado federal que durou mais de duas semanas e numa séria ameaça de um eventual incumprimento por parte dos EUA.

Patrocínio

Bernardo Pires de Lima, investigador do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI), afirmou à Lusa que este foi um dos três temas que "atormentaram" a administração Obama em 2013, que revelou "extrema dificuldade em gerir duas maiorias distintas no Congresso, a polarização partidária e o aumento da dívida".

"As semanas de 'shutdown' puseram a nu estas condicionantes, alarmaram os mercados, diminuíram a confiança económica e expuseram mais uma vez o exercício frágil da função presidencial", indicou o especialista.

Para António Neto da Silva, presidente da Associação de Amizade Portugal/EUA (AAPEUA), o atual cenário político norte-americano revela "uma luta entre dois conceitos de sociedade".

"Uma sociedade mais livre, em que a iniciativa individual passa também pelas questões de salvaguarda do futuro individual de cada um e dos cuidados de saúde que possa vir a ter. (...) Em confronto com uma abordagem mais europeia, que é esta que o Presidente Obama pretende, na qual o próprio Estado entende que também é da sua responsabilidade garantir cuidados para as pessoas que porventura não se tenham precavido para o futuro", realçou o antigo secretário de Estado do Comércio Externo.

Na opinião de Bernardo Pires de Lima, Obama têm vários desafios internos permanentes.

"Conseguir a entrada em vigor do 'Obamacare', previsto para 2014, e reformar a lei de imigração, cumprindo dois roteiros legislativos e fechando dois capítulos basilares na doutrina do partido democrata", mencionou o investigador, que não esquece as questões económicas.

"Aumentar o crescimento económico, gerar emprego e encarrilar a estratégia de independência energética em curso, a qual provocará a grande viragem geopolítica das próximas décadas, reduzindo a dependência do Médio Oriente e provavelmente o envolvimento dos EUA, em termos semelhantes, na região", destacou ainda.

Já Neto da Silva identifica o desafio ambiental, acreditando que os Estados Unidos, "líder mundial em praticamente todas as áreas", devem assumir o comando, criar compromissos internacionais que sejam cumpridos de forma efetiva e "definir como absolutamente prioritários (...) os valores do planeta".

A nível internacional, os últimos meses têm sido difíceis para Obama: a eventual intervenção militar na Síria face a utilização de armas químicas e a revelação do escândalo das escutas internas e externas realizadas pela Agência Nacional de Segurança (NSA) norte-americana, envolvendo vários líderes mundiais como a chanceler

alemã Angela Merkel.

"O impacto que a fuga de informação sobre estas escutas está a ter na relação entre líderes europeus e Obama é incalculável, como é também o efeito provocado no congelamento das negociações do indispensável acordo de comércio livre entre EUA e União Europeia (UE)", sublinhou Bernardo Pires de Lima.

Sobre a Síria, o investigador considerou que Obama assumiu uma "gestão errática".

"Obrigado a responder às 'linhas vermelhas' (...), deu dois passos em frente para depois recuar por falta de condições no Congresso, na NATO, no Conselho de Segurança [da ONU] e na região", concluiu o investigador, numa referência ao acordo para a destruição do arsenal químico sírio.

Neto da Silva frisou, por seu lado, que a decisão de Obama demonstrou que os Estados Unidos "procuravam uma alternativa" a uma intervenção militar, evitando as memórias ainda vivas de outros conflitos.

A mais recente sondagem NBC News/Wall Street Journal, divulgada na quarta-feira, indicou que apenas 42% dos norte-americanos aprovam o desempenho governativo de Obama, o valor mais baixo de sempre, mesmo durante o auge da crise económica no início do seu primeiro mandato presidencial. O grau de desaprovação ronda os 52%.

Obama também não resistiu na liderança da lista dos homens mais poderosos do mundo, elaborada anualmente pela revista Forbes, e foi este ano destronado pelo seu homólogo russo Vladimir Putin.

publicado a 2013-11-03 às 13:10

---

Para mais detalhes consulte:

[http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Interior.aspx?content\\_id=3512484](http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=3512484)

GRUPO CONTROLINVESTE

Copyright © - Todos os direitos reservados